

MINICURSO O ESTILO BARROCO E A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO

Glória Maria Ferreira Ribeiro - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Tutora
(MEC/SESu/DEPEM)

Cláudia Mariza Braga - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Co-Tutora
(MEC/SESu/DEPEM)

Caroline Martins de Sousa - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Fernanda Belo Gontijo - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Fernanda Sacramento Santos - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Guilherme Pires Ferreira - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

Josias Arantes de Faria - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

Karen Milla de Almeida França - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Leandro Assis Santos - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico

Liliane Vivas Andrade - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Maria Aparecida Rafael - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Marcilene Aparecida Severino - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Marcos Paulo Alves de Jesus - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei- Acadêmico –
(MEC/SESu/DEPEM)

Renan Figueiredo Menezes - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei – Acadêmico –
(MEC/SESu/DEPEM)

Weiderson Morais Souza - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

RESUMO

Através de um minicurso realizado em 29-30 de novembro e 1^o de dezembro de 2005, para alunos do Ensino Médio, procuramos evidenciar os diferentes aspectos do movimento Barroco e a relação entre mundo e sagrado que se manifestam através do Barroco europeu e brasileiro. Buscamos também evidenciar a compreensão dos valores e as concepções de mundo a partir das quais se deram as construções que foram repertório

da Arquitetura colonial brasileira e da Arquitetura religiosa do período Barroco, além de evidenciar a vida social e os hábitos da época e como isso se expressa no próprio habitar.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, ativemo-nos à compreensão de mundo que se manifesta através do Barroco brasileiro - mais notadamente, o barroco de Minas Gerais. É inegável a influência do Barroco europeu aqui no Brasil do final do setecentos e começo dos oitocentos; contudo, inegáveis também são as particularidades presentes no povo brasileiro que faz com que essa influência européia seja reapropriada, reinterpretada. Diferentemente do Barroco europeu, que se manifesta na concepção dos espaços urbanos com suas estradas, praças e jardins (como é o caso do Barroco italiano), ou ainda na arquitetura presente nos palácios, com seus imensos espelhos d'água e seus jardins labirínticos, pavilhões e galerias (presentes sobretudo no Barroco francês, que posteriormente irá influenciar a Áustria e a Alemanha); o Barroco presente no Brasil colonial é menos urbano e nada palaciano, sua presença se faz notar fortemente nas construções religiosas e na produção da sua imaginária. Nas igrejas barrocas mineiras é forte a presença da relação entre arquitetura, escultura e pintura – tal como também se verifica na Europa. Contudo, o imaginário que guia as mãos dos artistas e artífices mineiros durante a feitura desses monumentos religiosos é outro. Os seus santos, anjos, querubins possuem a marca de um Brasil florescente – anjos amulatados, virgens de olhos amendoados como aqueles presentes nas índias etc. A teatralidade é uma marca constante, seja na concepção da imaginária – com os seus santos de roca e imagens de vestir articuladas que mais se assemelham a atores que deverão vestir as roupas e assumir os gestos de diferentes personagens -, seja na concepção do interior das igrejas – em que todos os objetos e elementos decorativos são concebidos em relação aos rituais nos quais o sagrado deverá ser comemorado através do concurso do símbolo e dos procedimentos litúrgicos. Essa comemoração, ou melhor, essa rememoração coletiva pressuposta no rito assume por si só um aspecto teatral, no qual

homens comuns deverão assumir papéis especiais dentro do ato litúrgico e serão sacerdotes, coroinhas, membros de irmandades etc. Todo aquele envolvido no rito deverá ser sempre outro – assumir outra identidade. O Barroco é lúdico por excelência. Jogo das alteridades. Durante o jogo engendrado por essa concepção artística, são projetadas ilusões – quer no *trompe l'oeil* que se verifica nas pinturas dos tetos das igrejas e naquela estranha simbiose entre escultura e arquitetura que se verifica nos altares e nos ornatos da nave central, quer na ilusão de ser outro (padre, coroinha, etc.) dentro dos rituais. Nesse jogo tudo é ilusão – ilusão de movimento, ilusão de ascensão ao infinito. Mas qual é a origem desse jogo? Que compreensão de mundo o engendra?

O Barroco em Minas Gerais expressa uma compreensão de mundo em que o infinito é retomado desde o finito, o eterno desde o temporal, Deus desde o homem. Decaído, prostrado diante da potência da vida que, enquanto expressão da divindade, transcende os poderes da razão e do entendimento humano, o homem do Barroco se refugia na fé – não mais uma fé cega e obediente, mas uma fé nascida desde a compreensão da sua própria impotência, nascida da impotência da razão humana. O nosso homem do Barroco se encontra no limite em que a luz confina com as trevas, em que as trevas se revestem de luz e movimento – limite que o faz ansiar pelo infinito. A religião (o movimento que o faz re-ligar-se novamente ao divino) transforma-se no lugar de reflexão e de expressão de todas as suas angústias e anseios. A arte religiosa - o lugar de acontecimento da redenção e da comemoração da condição humana – lugar em que se conciliam todas as contradições desse homem decaído da euforia luminosa do Renascimento, decaído e lançado nas antigas sombras medievais, que agora se acham transfiguradas e iluminadas pelos novos conhecimentos científicos. A arte expressa essa tensão entre o mistério da fé com seus aspectos obscuros e sombrios e a luz da razão, tensão que se expressa numa arte em que o corpo – e todos os seus aspectos sensuais, mundanos e espirituais - é comemorado. Não mais o corpo retratado no renascimento, em que ele é racionalmente concebido através do descobrimento das técnicas de perspectiva – em que a ambição naturalista de retratá-lo é vista e revista desde as leis da razão. O corpo comemorado no Barroco é o corpo

apoteótico se expressando no exagero das formas, voluptuosidade dos movimentos. Corpo que se desnuda e se vela através das dobras das roupas das virgens e do seu cortejo de santos. Nesse planejamento está presente a tensão de contrários que o Barroco tão belamente expressa. Tensão entre a sombra e a luz, o velado e o desvelado, o sagrado e o profano, a exuberância e o recato, o sensual e o ascético. Esse corpo traz em si a matéria e o espírito tão imbricados que é impossível dissociá-los. O corpo, fundamentalmente, o das virgens que se escondem e se revelam através das infinitas dobras das suas vestes parecem expressar o espírito se dobrando sobre si mesmo e se vendo como o outro – jogo de alteridade. Nessa dobra ele se oculta como espírito e se descobre como matéria – se corporifica. Talvez o corpo da virgem e o que esse corpo no seu interior carrega nada mais seja do que uma metáfora para a dizer o mistério que alenta todo o espírito cristão – que se faz à base da arte barroca no Brasil. O mistério no qual Deus nega a sua natureza divina e se faz carne – se desdobrando em Pai, Filho e Espírito; desdobrando-se em corpo, fazendo-se finito, tornando-se Homem. Ganhando corpo no corpo de Maria. Esse mistério que se encontra no cerne da cristandade, o mistério da Santíssima Trindade, revela-se como um jogo de alteridade. Deus se fazendo outro, diferenciando-se, desdobrando-se. A compreensão desse jogo é que faz nascer o Barroco. É quando o homem percebe que a sua natureza (a um só tempo temporal e racional) nada mais é que um desdobramento da natureza de Deus, daí a sua ânsia pelo infinito, a sua ânsia pelo sagrado. O homem do Barroco começa então a desejar o infinito desde a sua própria finitude, o sagrado desde o profano. A razão toma uma outra dimensão para esse homem – a razão e a sua luz nada mais são do que o desdobramento do infinito, desdobramento em que esse é compreendido desde a finitude humana. Não se trata mais de celebrar a razão humana e a ciência colocando-as no centro do mundo, tampouco de submeter à vontade de Deus todas as aspirações humanas e as suas criações. Trata-se apenas de revelar a íntima relação entre Deus e o homem, relação de pertencimento – em que este se faz o desdobramento daquele.

A compreensão da Trindade, do seu jogo e do seu mistério é que possibilitou, durante a Idade Moderna, o descobrimento da natureza reflexiva do pensamento racional. Desde essa descoberta é que se torna possível o pensamento cartesiano e com ele toda a ciência moderna – ciência da qual nós, homens do século XXI, somos herdeiros. Para Descartes, a razão, ou melhor: a *res cogitans* = pensamento = alma, nada mais é do que uma substância – algo que não necessita de nada fora dela mesma para existir. O objeto desse pensamento se converte no próprio pensamento – ou, segundo Descartes, as idéias. Por sua vez, o mundo (= corpo) seria outro tipo de substância, chamada por ele de *res extensa*. Para pensar o mundo é preciso transformá-lo em idéias, é preciso rerepresentá-lo conforme as propriedades do próprio pensamento. Em suma: é preciso descobrir, dentro das possibilidades do próprio pensamento, o mundo. O pensamento deve desdobrar-se em outro, alterar-se. O *cogito* cartesiano, tal como a mônada de Leibniz, é como um recinto fechado, sem portas ou janelas abertas para o mundo. O “mundo” que nesse *cogito* se descobre é apenas uma dobra desse mesmo *cogito* - dobra na qual ele se vê como outro. Pois bem, toda a Ciência Moderna (Ciência fundamentalmente baseada na Matemática e na Física) se encontra calcada nessa concepção de pensamento. Ciência que hoje se desdobra como essa tecnologia que nos permite navegar em “mares” virtuais, nos quais não há mais corpo, ou melhor, nos quais o corpo prescinde da matéria em que o corpo se virtualiza.

DESENVOLVIMENTO

Objetivamos com este minicurso trabalhar a questão da identidade social do aluno através da reconstrução das relações que o mesmo e seus familiares estabelecem com a cidade e evidenciar as diferentes relações que o homem estabelece com suas possibilidades de ser com os outros e consigo mesmo a partir do espaço social. Mais especificamente, nosso desejo foi o de conduzir os participantes do minicurso a um retorno à cidade a partir do ideário do período barroco, ainda presente de forma viva na cidade de

São João del-Rei, nas suas festas e na sua vida religiosa. Além de despertar uma compreensão dos valores e as concepções de mundo a partir das quais se deram as construções que formam o repertório da arquitetura colonial e da arquitetura religiosa próprias do período barroco, bem como as diversas manifestações da arte e cultura barrocas. E também evidenciar a vida social e os hábitos da época e como isso se expressa no próprio habitar.

Para execução deste, o Grupo PET - Filosofia da UFSJ se valeu de: estudo dos autores que fundamentam o movimento barroco; seleção dos textos de fundamentação teórica; preparação de um folder ou cartaz alusivo ao minicurso; divulgação junto aos alunos da escola escolhida; preparação da exposição inicial que caracteriza o Barroco; seleção de poemas a serem declamados; preparação do material de fundamentação teórica para os participantes do minicurso; preparação do material para as atividades de criação do Álbum de figuras; organização e realização do passeio à Igreja do Rosário e à de São Francisco (locais notadamente de características barrocas); realização das aulas e atividades propostas com os alunos inscritos; elaboração de relatório final do projeto desenvolvido, além da utilização da seguinte metodologia: exposição dialogada sobre as características do Barroco; exibição de filme sobre o Aleijadinho; visitas a edificações religiosas, próprias do Barroco, existentes em São João del-Rei; leitura de textos: poemas, contos e crônicas nas quais o ideário barroco se encontra tematizado, com exploração reflexiva do material utilizado; trabalho em grupo visando a integrar os alunos a partir do tema trabalhado. Esses trabalhos terão sempre uma abordagem lúdica – por exemplo, a criação de desenhos de observação (que deveriam ser feitos no interior dos edifícios visitados). Esses desenhos deveriam preencher os espaços de um álbum previamente criado pelos petianos, no qual estarão descritos determinados aspectos barrocos do edifício escolhido para a atividade. Todavia, durante o minicurso achamos conveniente utilizar um álbum já pronto com fotos de obras, casas e igrejas barrocas, a fim de que os participantes do minicurso pudessem identificar as características barrocas nestas fotos. Com um piquenique comemorativo barroco, foram preparados pelos próprios petianos, e degustados

por todos, pratos típicos do período estudado e discutidas as principais questões do minicurso. O que se objetivou, em última instância, com essa abordagem metodológica foi tornar palpáveis os conceitos teóricos apreendidos.

Para fins de avaliação do minicurso procuramos, após o trabalho desenvolvido, observar a atitude dos alunos participantes, com referência à sua relação com as principais características do barroco presentes na cidade. Os alunos que participaram do minicurso fizeram uma avaliação por escrito do desenvolvimento e da qualidade do projeto desenvolvido. O professor de Filosofia da Escola Pública envolvida fez a avaliação do projeto quanto à sua relevância e à sua repercussão junto aos alunos. O desempenho dos petianos foi avaliado: através das reuniões com os coordenadores do projeto, para verificar a qualidade e adequação do planejamento e das atividades propostas; através de reunião com os Coordenadores para discutir os resultados da execução, destacando os aspectos positivos, listando as dificuldades encontradas e possíveis soluções para futuros minicursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter alcançado nossos objetivos e esperamos, a partir da orientação dada aos alunos participantes do minicurso, despertar, através deles, na população de maneira geral, uma maior valorização da arquitetura presente na cidade, de modo a olhá-la com outros olhos, buscando compreender até que ponto essa arquitetura expressa o nosso modo de ser mais próprio. Desse modo, pensamos estar contribuindo para uma melhor compreensão da história da cidade, além de propiciar um contato maior da comunidade são-joanense com as produções da UFSJ.

Contatos: petufsj@yahoo.com.br

Tel. : (32) 3379-2486